



Projeto Mário Travassos

ADEQUABILIDADE DO MÍSSIL IGLA NA DEFESA ANTIAÉREA DA AMAZÔNIA

3º Sgt IGOR FILLIPY FABIANO DO NASCIMENTO

2023

ADEQUABILIDADE DO MÍSSIL IGLA NA DEFESA ANTIAÉREA DA AMAZÔNIA

3º Sgt IGOR FILLIPY FABIANO DO NASCIMENTO

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o uso do míssil IGLA na defesa antiaérea da Amazônia, apresentando suas características e adequabilidade, por causa da grande presença de umidade e calor na região, e mostrando como essas características influenciam na sua importância como o principal armamento utilizado na defesa antiaérea de baixa altura da região pois, o míssil telecomandado RBS-70 possui muita fragilidade aos intempéries climáticos característicos da floresta equatorial e além da sua dificuldade de transporte, a qual a floresta pode proporcionar.

2. DESENVOLVIMENTO

Conforme o seu manual de campanha, o míssil IGLA, como integrante de um Sistema de Defesa Antiaérea, destina-se a engajar aeronaves voando a baixa altura, em rota de aproximação ou afastamento, bem como mísseis e veículos aéreos não tripulados (VANT), mesmo em ambiente de contramedidas com fonte de calor. Exemplo: flares lançados de aeronaves.

3º Sargento IGOR FILLIPY FABIANO DO NASCIMENTO

O míssil pode ser lançado sob temperaturas entre -44° e $+50^{\circ}\text{C}$ e sob condições adversas, bastando que o alvo possa ser visualmente detectado e acompanhado.

E quando um míssil é resfriado e não lançado, em clima quente e úmido, deve-se deixar a condensação desaparecer, naturalmente, e então o material estará novamente, pronto para o uso.

Segundo um trabalho realizado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), os principais óbices para emprego do míssil RBS 70 na Amazônia são as características do material, as quais impactam sua transportabilidade. O sistema pesa cerca de 85 kg, podendo ser transportado pela própria guarnição em três fardos (Pedestal – 25 kg; Aparelho de Pontaria – 35 kg; Míssil – 25 kg, aproximadamente), desde que em distâncias não muito longas. Dessa forma, o elevado peso do material pode limitar o seu emprego na selva, restringindo-o às instalações.

Todos os seus componentes (Pedestal, Aparelho de Pontaria e Míssil) empregam dessecantes para proteção contra umidade e são monitorados por meio de indicadores de nível de umidade instalados em cada um deles. O Aparelho de Pontaria, inclusive, parte principal do sistema, é lacrado, o que dificulta bastante a penetração e acúmulo de umidade. Assim, a manutenção preventiva, no que tange à umidade, resume-se na troca de dessecantes com maior ou menor frequência, dependendo do maior ou menor grau de umidade encontrado nos diferentes ambientes operacionais. Se a umidade ultrapassar os níveis operacionais permitidos, deve ser realizada a desumidificação dos componentes pela aplicação de hidrogênio.

O Exército Brasileiro deveria priorizar o emprego do míssil IGLA em região operacional de selva, pois a prioridade, agora, em um contexto de guerra, é a defesa da tropa e dos seus meios e depois de instalações estratégicas. Portanto, há necessidade de haver um armamento antiaéreo que tenha muita mobilidade e resistentes as adversidades climáticas da selva a fim de acompanhar o deslocamento do meio a ser defendido, por exemplo, um Batalhão de Infantaria de Selva, que se move por dentro da selva, local que não permite um deslocamento motorizado, ou seja, teria que levar o armamento na mão do militar.

Os dados citados acima, os quais foram retirados do manual do míssil IGLA, mostram que o armamento pode ser utilizado em condições adversas, como em altas e baixas temperaturas, empregados em terrenos variados, podem sofrer efeitos da umidade e mesmo assim continuará em condições de uso e o seu transporte é portátil, ou seja, pode ser carregado pela sua guarnição em um deslocamento a pé. Portanto, cumpre todos os requisitos de ser empregado no ambiente operacional de selva a fim de cumprir as missões antiaéreas estabelecidas.

O míssil RBS 70 possui muita fragilidade no ambiente operacional de selva quando levamos em consideração as condições climáticas e sua transportabilidade. Apesar de um trabalho realizado por especialista no armamento, como o citado acima, para resolver o problema de umidade basta ficar monitorando e realizar a troca de dessecantes contidas no míssil. Mas, em uma exposição maior a esse intempere precisa realizar uma manutenção mais especializada, portanto em uma missão, no meio da selva, a qual o míssil precisará ficar por longos dias, a umidade seria um fator preocupante podendo acarretar a inutilização do armamento.

A classificação do RBS 70 é portátil quanto ao transporte podendo ser carregado por sua guarnição, mas o peso total do armamento torna-se um fator limitador para o deslocamento em grandes distâncias. Logo, em uma missão de reforço a um batalhão de infantaria, a fim de realizar sua proteção antiaérea ficaria inviável o emprego do RBS 70, no caso, de uma marcha por dentro da selva. Dessa forma, não atende a prioridade de defesa antiaérea, em um contexto de guerra, que é proteger a tropa e seus meios de valor durante um deslocamento ou defesa em posição.

O emprego do RBS 70 é parcialmente adequado ao ambiente operacional de selva, por conta de sua defesa em instalações, por exemplo, uma hidrelétrica, ou seja, uma estrutura estratégica no território nacional e perde para um emprego em deslocamento na selva. O míssil IGLA é totalmente adequado, porque cumpre todos os requisitos de empregabilidade na selva, por conta da sua robustez para resistir impacto e manter seu emprego mesmo sofrendo ações do clima e poder ser transportado por longos deslocamentos por dentro da selva.

3. CONCLUSÃO

As unidades antiaéreas de selva deveriam dotar, somente, o míssil IGLA como seu armamento antiaéreo principal, pois é o mais adequado a esse ambiente operacional por causa da sua robustez e resistência ao clima característico da região. O míssil telecomandado RBS 70 não é indicado para as missões de prioridade da Exército brasileiro, que é a defesa da tropa e de seus meios de valor, e torna-se seu emprego parcialmente adequado, pois é ideal para fazer defesa de instalações estratégicas, como usinas hidrelétricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. MANUAL DE CAMPANHA SERVIÇO DA PEÇA DO MÍSSEL IGLA: C 44-62. 1º ed, 2000.

COSTA, Renato Esteves; SOSTER, Eduardo. EMPREGO DO MÍSSEL TELECOMANDADO RBS 70 NA DEFESA DE ESTRUTURAS ESTRATÉGICAS DA AMAZÔNIA, 2014.